

Senhor Presidente da Assembleia da República

Caro Felipe Gonzalez

Ilustres Participantes

Senhoras e Senhores

1. É, para mim, um grande prazer estar aqui presente nos Jerónimos - de novo com Felipe Gonzalez e o moderador Jaime Gama - para participarmos na sessão comemorativa da adesão de Portugal e Espanha à então CEE, onde há 25 anos subscrevemos os respectivos Tratados.

2. Penso que os presentes saberão que sempre fui um europeísta convicto, por considerar o projecto da integração europeia a realização política mais original e inovadora do Séc. XX. Por assegurar a paz, a solidariedade e o bem-estar às populações das Nações, antes rivais e até inimigas. O modelo social europeu, embora com diferenças entre os Estados-membros, é uma referência para os países dos diversos Continentes. Por isso deve ser preservado e desenvolvido.

3. Portugal e Espanha, saídos de duas longas e cruéis ditaduras, que o Ocidente infelizmente poupou, após a II Grande Guerra, por medo do comunismo, subscreveram o Tratado de Adesão à CEE, no mesmo dia, respectivamente em Lisboa e, depois, em Madrid. Fizeram-no, de cabeça levantada e sem favor, por serem então duas democracias consolidadas, após a Revolução dos Cravos, em Portugal, e a Transição Democrática Acordada,

em Espanha. Eventos, ambos pacíficos, sem efusão de sangue, de grande tolerância, relativamente aos responsáveis das duas antigas Ditaduras e sem qualquer intervenção externa.

4. Daí o prestígio ganho pelos dois Estados Peninsulares, cujas transformações democráticas e sociais foram aplaudidas, com entusiasmo e respeito, não só na Europa, como no Mundo em geral. Foram transformações políticas pioneiras, como escreveu Samuel Huntington, que influenciaram outros Estados em vários Continentes e, nomeadamente, na Ibero-América, onde Espanha e Portugal, deixaram fundas raízes.

5. Aliás, as histórias de Espanha e Portugal sempre estiveram entrelaçadas, ao longo dos séculos, com as lutas das grandes potências europeias. Foram os Estados Peninsulares - e particularmente Portugal - que deram a conhecer a civilização europeia ao Mundo e trouxeram, à Europa, desses contactos, o conhecimento de civilizações, religiões e produtos, até então ignorados.

6. É verdade que Espanha e Portugal, tão largo tempo bloqueados por regimes opressivos e retrógrados, deram, após a adesão, a partir de Janeiro de 1986, um salto qualitativo imenso no seu desenvolvimento, tanto económico, social e material, como cultural, científico, tecnológico, artístico e até desportivo. Mas foi no domínio da reforma das mentalidades e da abertura à modernidade que as populações ibéricas mais progrediram. Portugal e Espanha foram, como se dizia, "bons alunos europeus". Mas, em

compensação, deram à CEE um enorme estímulo ao desenvolvimento da sua integração. Maastricht veio depois.

7. As relações entre os dois Estados Peninsulares, historicamente, afastados e difíceis, também se modificaram profundamente. As desconfianças recíprocas acabaram. Hoje somos Estados fraternos e solidários, com políticas convergentes ou pelo menos concertadas, em termos da Ibero-América e da União Europeia, do Atlântico e do Mediterrâneo.

8. Entretanto o Mundo mudou - e continua em mudança acelerada - desde o derrube pacífico do Muro de Berlim, do colapso da URSS e do universo comunista. Assistimos depois à euforia hegemónica neo-liberal, dos Estados Unidos, que se julgaram então "donos do Mundo". Não eram. Conhecemos então, pela primeira vez, o terrorismo global, com os terríveis ataques do 11 de Setembro de 2001. Seguiram-se os dois desastrosos mandatos do Presidente George W. Bush, principal responsável das guerras do Afeganistão e, depois, do Iraque, com a cumplicidade de Blair, Aznar e Durão Barroso e as reticências da "velha Europa". E, simultaneamente ao fenómeno da emergência política e económica, dos novos colossos mundiais - China, Rússia, Índia, Brasil - e, finalmente, à paralisação institucional e política da União Europeia e à fuga para a frente, sem critério, do alargamento.

9. Num tal contexto, Barack Obama, um afro-americano na Casa Branca foi um fenómeno, para muitos, inesperado, mas muito positivo. Por se tratar de um americano de grande cultura humanista e jurídica, que

voluntariamente se insere na linha do grande pioneirismo americano, de Jefferson, de Lincoln, e de Franklin Roosevelt, mas também do civismo igualitário e pacífico de Martin Luther King.

10. Foi em 2008 que a grande crise do capitalismo financeiro-especulativo, dito de casino, se revelou nos Estados Unidos, em toda a sua força. Depois da tomada de posse de Barack Obama, em Janeiro de 2009, foi dito aos americanos, pelo novo Presidente que a crise global era muito séria e só seria superada com um novo paradigma e estritas medidas éticas, punitivas dos responsáveis: os especuladores.

11. Entretanto, a crise tornou-se de facto global e comunicou-se à União Europeia, com um surpreendente ataque ao euro. Simplesmente, os dirigentes europeus não querem admitir a criação de um novo paradigma, com preocupações sociais e ambientais, com regras éticas estritas, contra as negociatas, os paraísos fiscais e a impunidade dos especuladores.

Por isso a União Europeia deixou-se atrasar dez ou quinze anos - ao contrário dos Estados Unidos - e se continuar paralisada, sem coragem de mudar, entrará necessariamente em decadência. O ataque ao euro, a continuar, pode levar à desintegração da União, o que não só representaria recuos institucionais e civilizacionais tremendos, como uma perda de qualidade de vida inaceitável para as populações europeias. Com as consequentes revoltas sociais, mais ou menos violentas.

12. É preciso, portanto, reagir. E rapidamente! Os actuais dirigentes europeus parecem não ter coragem política para isso. Os cidadãos europeus - das diversas nacionalidades - devem convergir e obrigar os Partidos, nacionais e europeus, a agir em conformidade. Bem como os Sindicatos, as Associações Patronais, Cooperativas, Ambientalistas, Cívicas e outras. O relatório dos sábios, para a mudança da Europa, de que foi Presidente da Comissão, Felipe Gonzalez, recentemente publicado, constitui, para tanto, um excelente contributo, verdadeiro alerta ao civismo europeu. É preciso agir, conscientemente e sem perda de tempo. Pressionar os Partidos e os Governos. Porque, como já se escreve em alguns jornais, é uma obrigação ética, irrecusável, "salvar a Europa!".

Lisboa, 11 de Junho de 2010